

Implicações da Análise do Comportamento Aplicada e Transtorno do Espectro Autista: uma revisão da produção brasileira sobre contextos familiar e escolar

Recebido em: xx/xx/2026

Aceito em: xx/xx/2026

DOI: 10.25110/arqsaude.vxxix.2026-XXXX



Carlo Eduardo Marques Ferreira de Almeida¹
Samuel Fernando Ferro²

RESUMO: Este artigo analisou a produção científica brasileira sobre a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscando compreender as implicações para os contextos familiar e escolar. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura de artigos publicados entre 2015 e 2025 nas bases SciELO, PePSIC e REBAC, utilizando os descritores "análise do comportamento aplicada" e "TEA". Após a aplicação de critérios de inclusão e exclusão, 8 artigos foram analisados integralmente. Os resultados indicam que, no contexto familiar, há evidências robustas da eficácia da capacitação parental baseada em ABA para reduzir comportamentos disruptivos, melhorar a comunicação funcional e diminuir a ansiedade e depressão dos cuidadores. No entanto, os estudos apontam desafios como alta evasão e amostras predominantemente de classes socioeconômicas média e alta. Para o contexto escolar, a produção é escassa, com evidências promissoras sobre a mudança de atitudes docentes após formação em ABA, mas sem estudos que avaliem a aplicação direta por professores em sala de aula. Conclui-se que, embora haja forte evidência para o contexto familiar, a literatura nacional sobre a aplicação da ABA no contexto escolar é uma lacuna crítica. Recomenda-se o investimento em pesquisas com amostras representativas da população brasileira e o desenvolvimento de políticas públicas que fomentem a capacitação de pais e a formação de professores em ABA.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Análise do Comportamento Aplicada. Contexto familiar. Contexto escolar. Revisão da literatura.

¹ Acadêmico do 9º período do curso de Psicologia (noturno) da Universidade Paranaense (UNIPAR) – campus Umuarama. E-mail: carlos.almeida@edu.unipar.br

² Especialista em Análise do comportamento aplicada ao espectro autista. Professor orientador na Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: sfernando.ferro@prof.unipar.br

Implications of Applied Behavior Analysis for Autism Spectrum Disorder: a review of Brazilian literature on family and school contexts

ABSTRACT: This article analyzed the Brazilian scientific production on Applied Behavior Analysis (ABA) and Autism Spectrum Disorder (ASD), aiming to understand the implications for the family and school contexts. A systematic literature review was conducted of articles published between 2015 and 2025 in the SciELO, PePSIC, and REBAC databases, using the descriptors "applied behavior analysis" and "ASD". After applying inclusion and exclusion criteria, 8 articles were fully analyzed. The results indicate that, in the family context, there is robust evidence of the effectiveness of ABA-based parent training in reducing disruptive behaviors, improving functional communication, and decreasing caregivers' anxiety and depression. However, the studies point to challenges such as high dropout rates and samples predominantly from middle and upper socioeconomic classes. For the school context, the production is scarce, with promising evidence regarding the change in teachers' attitudes after training in ABA, but with no studies evaluating direct implementation by teachers in the classroom. It is concluded that although there is strong evidence for the family context, the national literature on the application of ABA in the school context is a critical gap. Investment in research with representative samples of the Brazilian population and the development of public policies that encourage parent training and teacher education in ABA is recommended.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder. Applied Behavior Analysis. Family context. School context. Literature review.

Implicaciones del Análisis Aplicado de la Conducta en el Trastorno del Espectro Autista: una revisión de la producción brasileña sobre los contextos familiar y escolar

RESUMEN: Este artículo analizó la producción científica brasileña sobre el Análisis Aplicado de la Conducta (ABA) y el Trastorno del Espectro Autista (TEA), buscando comprender las implicaciones para los contextos familiar y escolar. Se realizó una revisión sistemática de la literatura de artículos publicados entre 2015 y 2025 en las

bases de datos SciELO, PePSIC y REBAC, utilizando los descriptores "análisis de conducta aplicado" y "TEA". Después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión, se analizaron 8 artículos en su totalidad. Los resultados indican que, en el contexto familiar, existe una fuerte evidencia de la eficacia de la capacitación parental basada en ABA para reducir conductas disruptivas, mejorar la comunicación funcional y disminuir la ansiedad y depresión de los cuidadores. Sin embargo, los estudios señalan desafíos como la alta deserción y muestras predominantemente de clases socioeconómicas media y alta. Para el contexto escolar, la producción es escasa, con evidencia prometedora sobre el cambio de actitudes docentes tras la formación en ABA, pero sin estudios que evalúen la implementación directa por parte de los profesores en el aula. Se concluye que, aunque existe una fuerte evidencia para el contexto familiar, la literatura nacional sobre la aplicación del ABA en el contexto escolar es una brecha crítica. Se recomienda invertir en investigaciones con muestras representativas de la población brasileña y el desarrollo de políticas públicas que fomenten la capacitación de padres y la formación de profesores en ABA.

PALABRAS CLAVE: Trastorno del Espectro Autista; Análisis Aplicado de la Conducta; Contexto familiar; Contexto escolar; Revisión de la literatura.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez no início do século XX para descrever um sintoma da esquizofrenia. Na década de 1940, Leo Kanner e Hans Asperger, de forma independente, descreveram crianças com padrões de isolamento extremo, desejo de mesmice, estereotípias e dificuldades de comunicação, estabelecendo o autismo como uma condição distinta (LIBERALESSO & LACERDA, 2020).

Por décadas, o autismo foi erroneamente classificado como uma forma de psicose infantil, influenciado por teorias psicogênicas. Segundo Assumpção Jr. e Kuczynski (2018), a partir da década de 1960, com os avanços da genética e da neurociência, o autismo passou a ser progressivamente compreendido como um transtorno do neurodesenvolvimento de base biológica.

Atualmente, o Transtorno do Espectro Autista é definido como uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes em dois domínios centrais, a comunicação social e a interação social, e os padrões restritos e repetitivos de

comportamento, interesses ou atividades (LIBERALESSO & LACERDA, 2020). O diagnóstico é essencialmente clínico, baseado na observação direta do comportamento e no relato de pais e cuidadores. Conforme a American Psychiatric Association (2022), o TEA é classificado em três níveis de gravidade que refletem o grau de suporte necessário, sendo nível 1 com apoio, nível 2 com apoio substancial e nível 3 com apoio muito substancial.

O TEA é denominado espectro por sua grande variabilidade de apresentação clínica. Segundo Assumpção Jr. e Kuczyński (2018), os sintomas variam em intensidade, combinação e impacto funcional. Alguns indivíduos apresentam deficiência intelectual associada, enquanto outros têm inteligência na média ou acima da média. Comorbidades como ansiedade, epilepsia e problemas gastrointestinais são frequentes. Essa heterogeneidade implica que não há uma única forma de intervir. Qualquer plano de atendimento, especialmente nos contextos escolar e familiar, deve ser individualizado, levando em conta os pontos fortes e as necessidades específicas de cada criança.

1.2. Dificuldade Escolar no TEA

Para compreender as dificuldades que crianças com TEA enfrentam na escola, é necessário conhecer os marcos do desenvolvimento infantil típico, pois é a partir deles que se identificam atrasos ou padrões atípicos. Segundo Varella e Amaral (2018), o desenvolvimento humano é um processo sequencial e regular que envolve mudanças nas estruturas físicas, neurológicas, cognitivas e comportamentais. Entre 12 e 24 meses, espera-se que a criança desenvolva habilidades como responder ao nome, apontar, formar primeiras palavras e frases simples, além de se engajar em brincadeiras de faz de conta (VARELLA & AMARAL, 2018). Esses marcos constituem uma referência para que profissionais da educação e da saúde identifiquem precocemente possíveis atrasos associados ao TEA.

As crianças com TEA podem apresentar desvios significativos em relação a esses marcos. Entre os principais sinais precoces estão a falta de resposta ao ser chamado pelo nome, a ausência de gestos comunicativos, o atraso ou a regressão da fala, padrões atípicos de brincar, comportamentos sensoriais atípicos e déficits na comunicação social (VARELLA & AMARAL, 2018; ASSUMPÇÃO JR. & KUCZYNSKI, 2018). Conforme Assumpção Jr. e Kuczyński (2018), esses prejuízos,

quando identificados precocemente, sinalizam a necessidade de avaliação diagnóstica e de intervenções especializadas.

Na prática escolar, esses prejuízos se traduzem em barreiras à aprendizagem e à socialização. Segundo Assumpção Jr. e Kuczynski (2018), as dificuldades de comunicação e reciprocidade socioemocional isolam o aluno do grupo e limitam sua participação em atividades colaborativas. A rigidez cognitiva e os comportamentos repetitivos dificultam a adaptação a rotinas e transições, podendo desencadear crises de ansiedade e comportamentos disruptivos (LIBERALESSO & LACERDA, 2020). As alterações sensoriais tornam o ambiente escolar potencialmente aversivo, levando a comportamentos de esquiva e fuga. Déficits nas funções executivas, como planejamento e atenção sustentada, impactam o desempenho acadêmico em áreas como leitura, escrita e matemática.

1.3. Análise do Comportamento

A Análise do Comportamento é uma ciência natural que estuda o comportamento como interação entre organismo e ambiente (MOREIRA & MEDEIROS, 2014). Ao contrário de abordagens mentalistas, a análise do comportamento explica a conduta por relações funcionais com eventos antecedentes e consequentes (MOREIRA & MEDEIROS, 2014). Um de seus processos é o condicionamento respondente, no qual um estímulo inicialmente neutro, após ser repetidamente emparelhado com um estímulo incondicionado, torna-se um estímulo condicionado e passa a eliciar uma resposta condicionada (MOREIRA & MEDEIROS, 2014). Segundo Moreira e Medeiros (2014) e Sella e Ribeiro (2018), esse mecanismo está na base de reações emocionais automáticas, como respostas de ansiedade e sensibilidades a estímulos antes neutros.

O segundo processo é o condicionamento operante, no qual a probabilidade de uma resposta se repetir depende de suas consequências, conforme explicam Moreira e Medeiros (2014). O reforço positivo e negativo aumenta a frequência de um comportamento, enquanto a punição positiva e negativa a diminui (MOREIRA & MEDEIROS, 2014). Quando um comportamento deixa de ser reforçado, sua frequência cai gradualmente, fenômeno denominado extinção operante (MOREIRA & MEDEIROS, 2014; SELLA & RIBEIRO, 2018). Esses princípios explicam como o ambiente seleciona e mantém repertórios comportamentais.

O Behaviorismo Radical, filosofia que fundamenta a Análise do Comportamento, considera que o comportamento é determinado pela interação de três níveis de seleção (filogênese, ontogênese e cultural), rejeitando o dualismo mente-corpo e tratando pensamentos e sentimentos como comportamentos privados (MOREIRA & MEDEIROS, 2014). A análise funcional, que identifica relações entre antecedentes, resposta e consequências, permite compreender a função de comportamentos sem recorrer a rótulos diagnósticos, como acesso a reforçadores ou fuga de estímulos aversivos (SELLA & RIBEIRO, 2018). Segundo Sella e Ribeiro (2018), essa lógica ajuda educadores e pais a substituir práticas punitivas por estratégias baseadas na modificação de antecedentes e consequências.

1.4. Análise do Comportamento Aplicada (ABA)

A Análise do Comportamento Aplicada, conhecida pela sigla ABA, é o ramo da Análise do Comportamento que se dedica a aplicar princípios e procedimentos derivados da ciência básica a problemas socialmente relevantes (SELLA & RIBEIRO, 2018). Diferentemente da análise experimental, que busca conhecimento teórico, a ABA tem como compromisso produzir mudanças comportamentais significativas na vida das pessoas. Para que uma intervenção seja considerada analítico-comportamental aplicada, deve-se atender a sete dimensões fundamentais, sendo elas aplicada, comportamental, analítica, tecnológica, conceitualmente sistemática, efetiva e com demonstração de generalidade (SELLA & RIBEIRO, 2018). Essas dimensões garantem que a intervenção seja focada em comportamentos observáveis, baseada em dados, descrita com precisão e eficaz na prática. A ABA, portanto, não é um conjunto de técnicas isoladas, mas uma abordagem científica estruturada para promover mudanças duradouras e socialmente relevantes.

No campo do Transtorno do Espectro Autista, a ABA é reconhecida internacionalmente como uma das abordagens com maior suporte empírico. As práticas baseadas em evidências derivadas da ABA incluem desde modelos compreensivos de intervenção precoce e intensiva até procedimentos focais para o ensino de habilidades específicas e a redução de comportamentos desafiadores (LIBERALESSO & LACERDA, 2020). A literatura descreve dezenas de práticas com evidência de eficácia, como o reforçamento diferencial, o ensino por tentativas discretas, o treino de comunicação funcional e as intervenções naturalísticas (SELLA & RIBEIRO, 2018). Essas práticas são orientadas pelos princípios do condicionamento operante e

respondente, aplicados de forma sistemática para ensinar novos repertórios, fortalecer habilidades adaptativas e diminuir comportamentos que interferem na aprendizagem e na socialização.

No ambiente escolar, a ABA oferece estratégias para promover a inclusão de alunos com TEA. Procedimentos como o uso de dicas, o reforçamento diferencial, o ensino por tentativas discretas e o esvanecimento de estímulos permitem adaptar o currículo e as rotinas às necessidades de cada aluno (SELLA & RIBEIRO, 2018). A análise funcional auxilia o professor a compreender a função de comportamentos desafiadores e a planejar intervenções baseadas na modificação de contingências, em vez de recorrer a práticas punitivas (SELLA & RIBEIRO, 2018). Conforme Liberalesso e Lacerda (2020), a formação continuada de professores em ABA melhora as atitudes docentes em relação à inclusão e amplia o repertório de estratégias pedagógicas.

No contexto familiar, a ABA destaca-se pela capacitação de pais e cuidadores. Programas de treinamento parental baseados em ABA ensinam os familiares a identificar funções do comportamento, aplicar procedimentos de reforço diferencial, utilizar comunicação funcional e manejar comportamentos disruptivos de forma não aversiva (SELLA & RIBEIRO, 2018). Estudos mostram que a capacitação de pais reduz a frequência de comportamentos desafiadores das crianças com TEA e diminui níveis de estresse e sintomas depressivos e ansiosos dos cuidadores (SELLA & RIBEIRO, 2018). O envolvimento da família potencializa a generalização das habilidades aprendidas para o ambiente doméstico e comunitário. Segundo Liberalesso e Lacerda (2020), a capacitação de pais, que os torna capazes de implementar intervenções, é considerada uma prática baseada em evidências e recomendada como parte integrante de programas abrangentes para o TEA.

Diante do exposto, este trabalho parte da seguinte questão norteadora: o que a produção científica brasileira sobre Análise do Comportamento Aplicada e Transtorno do Espectro Autista, publicada entre 2015 e 2025, pode nos dizer sobre os contextos familiar e escolar? A partir dessa pergunta, buscou-se analisar as evidências disponíveis, suas potencialidades e suas lacunas.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Analisar, a partir da produção científica brasileira publicada entre 2015 e 2025, as implicações da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para o contexto

educacional e familiar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase na inclusão escolar e na formação de professores e familiares.

2.2. Objetivos Específicos

1. Descrever as estratégias de capacitação de pais e cuidadores em ABA relatadas nos estudos brasileiros.
2. Analisar o que a produção brasileira sobre ABA e TEA apresenta acerca do contexto escolar, incluindo a atuação de agentes educacionais.
3. Discutir as implicações da ABA para a articulação entre família e escola no processo de inclusão de crianças com TEA.

3 METODOLOGIA

A presente revisão bibliográfica foi conduzida conforme as diretrizes do método PRISMA, conforme Page et al. (2021). A busca foi realizada em 02 de maio de 2026 nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Revista Brasileira de Análise do Comportamento (REBAC). Nas bases SciELO e REBAC o idioma foi filtrado para português. Na PePSIC não foi aplicado filtro de idioma. Utilizou-se a mesma combinação de descritores em todas as bases, sendo eles "análise do comportamento aplicada" e "TEA", combinados pelo operador booleano AND. O recorte temporal foi de 2015 a 2025.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão. Os artigos deveriam tratar simultaneamente da Análise do Comportamento Aplicada, do Transtorno do Espectro Autista e dos contextos escolar ou familiar. Também deveriam ter sido publicados entre 2015 e 2025. Foram excluídos artigos fora do escopo temático ou duplicados. Também foram excluídos artigos baseados em pesquisas bibliográficas, como revisões, estudos teóricos e validação de escala. Por fim, foram excluídos artigos sem dados de intervenção.

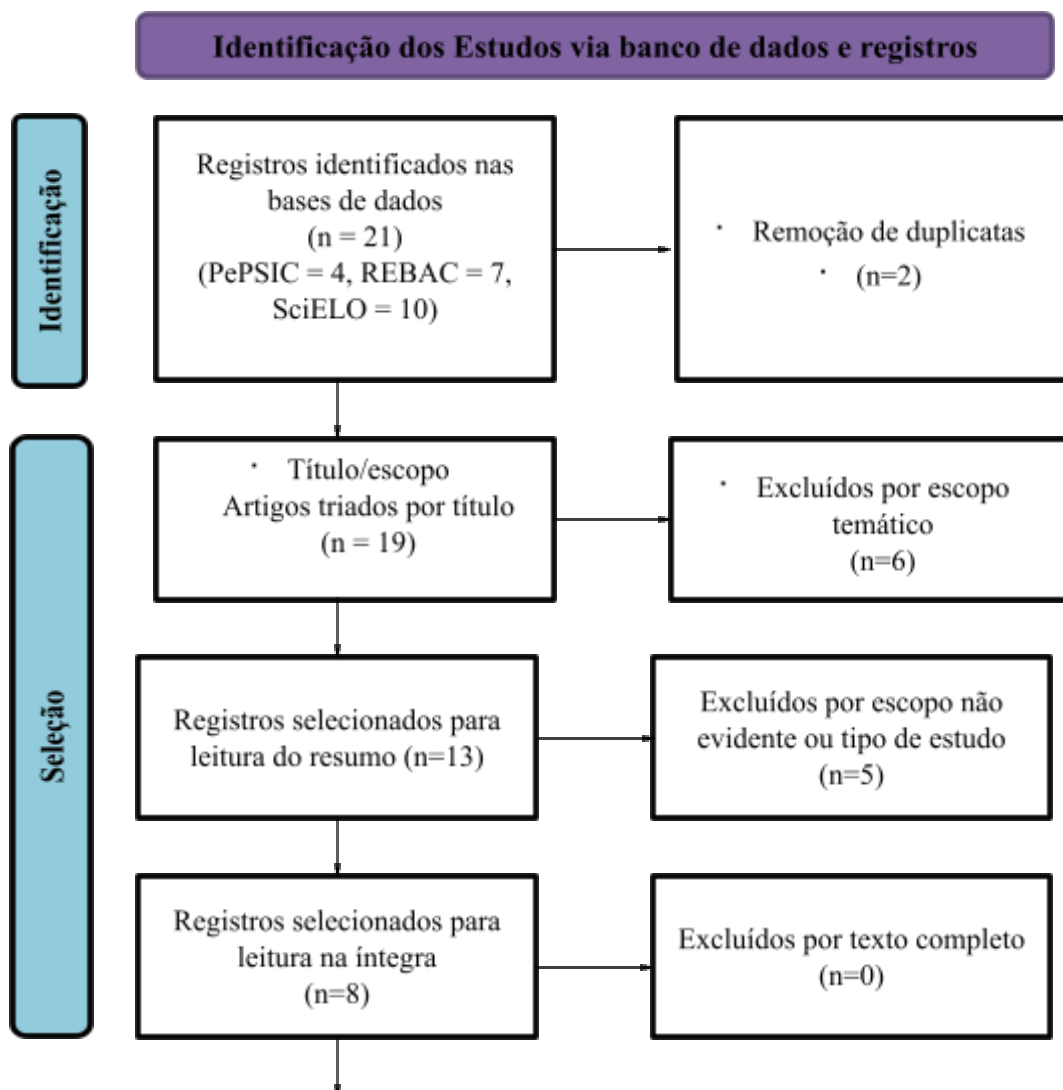
O processo de triagem ocorreu em três etapas com critérios de exclusão progressivos. Na primeira etapa, os títulos foram analisados para excluir artigos cujo tema era claramente fora do escopo. Foram excluídos 6 artigos. Na segunda etapa, os resumos dos 13 artigos restantes foram lidos para identificar eventuais desvios de escopo não perceptíveis no título e também o tipo de estudo. Foram excluídos 5 artigos. Na terceira etapa, os 8 artigos pré-selecionados foram lidos na íntegra para confirmar a

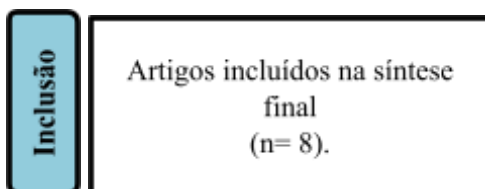
presença de dados quantitativos ou qualitativos de intervenção. Todos os 8 atenderam ao critério, resultando em nenhuma exclusão.

Registra-se um caso de indexação incorreta na base SciELO. Um artigo com título fora do escopo foi identificado na busca. O link deste artigo redirecionava para uma publicação sobre vacinação contra COVID-19. Esse artigo foi excluído na primeira etapa pelo título. O conteúdo correto do artigo, que tratava de uma revisão sobre seletividade alimentar, foi acessado por meio do seu DOI. Esse artigo foi analisado e excluído na segunda etapa por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não de um estudo empírico de intervenção. Ambos os artigos foram excluídos da amostra final.

Ao final, 8 artigos foram incluídos na síntese final, conforme o fluxograma da Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma PRISMA do processo de seleção dos artigos





Fonte: elaborado pelo autor.

A tabela 1 apresenta a caracterização dos oito artigos selecionados para a análise final.

Tabela 1 – Caracterização dos Artigos (Autores, Ano, Método, Foco)

Artigo	Ano	Periódico	Método	Principais temas abordados
Bagaiolo et al.	2018	Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento	Quase-experimental	Capacitação parental; comunicação funcional; manejo de comportamentos disruptivos.
Benitez et al.	2020	Psicologia: Teoria e Prática	Estudo de caso	Atuação interdisciplinar em centro de aprendizagem; contexto escolar.
Vieira et al.	2024	REBAC	Experimental (linha de base múltipla)	Treinamento de Comunicação Funcional; redução de comportamentos-problema.
Benitez et al.	2021	Revista Brasileira de Educação Especial	Quase-experimental	Atitudes de agentes educacionais; formação de professores em ABA; inclusão escolar.
Ferreira et al.	2025	Ciencias Psicológicas	RCT (ensaio randomizado)	Programa ABA para pais; desenvolvimento

				verbal de crianças com TEA.
Silva et al.	2017	REBAC	Experimental (linha de base múltipla)	Ensino de tacto/intraverbal por pais; múltiplos exemplares; generalização.
Sousa et al.	2020	Contextos Clínicos	Qualitativo	Percepção de pais e profissionais sobre o tratamento com ABA.
Wu et al.	2023	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Experimental	Capacitação de cuidadoras; ensino de atividades de vida diária.

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 2 sintetiza os objetivos, as intervenções e os principais resultados de cada estudo.

Tabela 2 – Objetivos, Intervenções e Resultados dos Artigos

Artigo	Objetivo do estudo	Intervenção realizada	Principais resultados
Bagaiolo et al., 2018	Capacitar pais de crianças com TEA para manejo de comportamentos disruptivos e comunicação funcional.	Programa de capacitação parental em grupo com 12 encontros, baseado em ABA.	Redução significativa nos comportamentos disruptivos (ABC) e nos sintomas de ansiedade/depressão dos cuidadores (Hamilton).
Benitez et al., 2020	Descrever estudo de caso interdisciplinar em ABA em centro de aprendizagem.	Intervenção com equipe interdisciplinar (psicologia, TO,	Criança com TEA apresentou evolução nas áreas de prontidão, imitação e socialização.

		fono) e currículo individualizado.	
Vieira et al., 2024	Utilizar o Treinamento de Comunicação Funcional para reduzir comportamentos-problema em crianças com TEA.	FCT com delineamento de linha de base múltipla.	Redução dos comportamentos-problema e aumento da comunicação funcional em todos os participantes.
Benitez et al., 2021	Avaliar atitudes sociais de agentes educacionais antes e após formação em ABA.	Programa de formação continuada em ABA para professores e agentes educacionais.	Mudança estatisticamente significativa nas atitudes sociais ($p=0,003$), tornando-as mais favoráveis à inclusão.
Ferreira et al., 2025	Avaliar efeitos de programa para pais em ABA sobre desenvolvimento verbal de crianças com TEA.	RCT com grupo experimental e controle; pais participaram de 12 semanas de orientação.	GE teve aumento de 31% nos comportamentos verbais (VB-MAPP), enquanto GC teve 6%.
Silva et al., 2017	Comparar aquisição e generalização com 1 vs. 3 exemplares	Pais aplicaram DTT com múltiplos exemplares	Múltiplos exemplares produziram maior generalização (até 39%) sem aumentar dificuldade.

Sousa et al., 2020	Identificar percepção de pais e profissionais sobre a aplicação da ABA em crianças com TEA.	Entrevistas qualitativas com 17 participantes (9 profissionais, 8 familiares).	ABA melhora habilidades sociais e afetivas, reduz estereotípias e comportamentos repetitivos.
Wu et al., 2023	Treinar cuidadoras para ensinar AVDs (preparo de sanduíche e escovação de dentes) a crianças com TEA.	Pacote de ensino com videomodelação, automonitoramento e feedback.	Todas as cuidadoras atingiram 90% ou mais de precisão no ensino das atividades.

Fonte: elaboração própria.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos oito estudos empíricos selecionados permitiu organizar os achados em torno de temas que atravessam a produção brasileira sobre Análise do Comportamento Aplicada e Transtorno do Espectro Autista. Esses temas envolvem a eficácia e os desafios da capacitação parental, o perfil socioeconômico das amostras, a questão da generalização dos ganhos comportamentais, a quase total ausência de estudos sobre o contexto escolar e as implicações dessas lacunas para políticas públicas e para pesquisas futuras.

4.1 Capacitação parental: eficácia, evasão e perfil socioeconômico

Um primeiro conjunto de achados diz respeito à eficácia da capacitação parental. Os estudos analisados mostram consistentemente que pais e cuidadores podem ser treinados para implementar procedimentos baseados em ABA com seus filhos. Segundo Bagaiolo et al. (2018) e Ferreira et al. (2025), os resultados indicam redução significativa de comportamentos disruptivos como agressão, birras e autolesão, além de aumento da comunicação funcional e do repertório verbal das crianças. Há também evidências de que a capacitação parental melhora a saúde mental dos cuidadores, reduzindo sintomas de ansiedade e depressão (Bagaiolo et al., 2018). Esses achados são importantes porque a sobrecarga do cuidador é uma das principais queixas de famílias de crianças com TEA e porque a participação ativa da família é considerada um dos

pilares da intervenção comportamental. As estratégias de capacitação parental identificadas nos estudos incluíram programas presenciais em grupo (Bagaiolo et al., 2018), ensino por tentativas discretas aplicado pelos pais (Silva et al., 2017) e pacotes com videomodelação e automonitoramento (Wu et al., 2023).

No entanto, esses resultados positivos vêm acompanhados de ressalvas importantes. A principal delas é a alta taxa de evasão registrada em um dos estudos, que chegou a cerca de 70% dos participantes (Bagaiolo et al., 2018). Os motivos apontados incluem dificuldades de transporte, falta de suporte familiar para cuidar da criança durante as sessões, dificuldade de compreender e executar as orientações e a própria gravidade dos sintomas tanto das crianças quanto dos cuidadores. Isso significa que embora a capacitação parental em grupo seja eficaz para quem a conclui, sua implementação em larga escala exige políticas de suporte paralelo como transporte gratuito, cuidado com outras crianças no horário das sessões e acompanhamento psicológico para os cuidadores. Sem essas medidas os programas tendem a chegar apenas às famílias com maior disponibilidade de tempo e recursos, o que já é uma crítica recorrente à literatura.

Ainda no âmbito da capacitação parental chama a atenção o perfil socioeconômico das amostras. A maioria dos estudos brasileiros, incluindo Bagaiolo et al. (2018) e Ferreira et al. (2025), utilizou amostras de classe média ou alta recrutadas em clínicas particulares ou ambulatorios de referência de grandes centros urbanos. Isso levanta uma questão crítica sobre a generalização dos resultados para a população de baixa renda atendida pelo Sistema Único de Saúde. Um único estudo (Silva et al., 2017) incluiu participantes de classes baixa e média baixa e também encontrou efeitos positivos mas com uma amostra pequena. Isso sugere que a ABA pode funcionar em diferentes perfis socioeconômicos, mas a quantidade de evidência para populações mais vulneráveis ainda é muito limitada. Para as políticas públicas isso significa que não se pode simplesmente replicar os modelos de capacitação desenvolvidos para classes média ou alta sem adaptações. Barreiras como moradia, jornada de trabalho e acesso a materiais precisam ser consideradas no desenho dos programas.

4.2 O contexto escolar: atitudes e a lacuna da aplicação prática

A literatura brasileira sobre ABA e TEA na escola é praticamente inexistente. Apenas um estudo (Benitez et al., 2021) abordou agentes educacionais e ele mediu atitudes de professores em relação à inclusão antes e depois de uma formação em ABA

e Educação Inclusiva. Os resultados mostraram melhora significativa nas atitudes, o que é positivo, pois atitudes mais favoráveis são um pré-requisito para a inclusão. No entanto, não há nenhum estudo brasileiro que tenha avaliado a aplicação direta de procedimentos ABA por professores em sala de aula. Questões como se professores conseguem implementar ensino por tentativas discretas com fidelidade, se o treino de comunicação funcional reduz comportamentos problema em sala de aula ou se o ensino de habilidades acadêmicas via ABA é viável na rotina escolar permanecem inteiramente sem resposta na literatura nacional. Essa lacuna é particularmente relevante porque a criança com TEA passa grande parte do seu dia na escola e intervenções que não se estendem a esse ambiente perdem grande parte do seu potencial.

4.3 Formatos de intervenção, supervisão e articulação família-escola

Os formatos de intervenção e o papel da supervisão profissional também emergem como temas relevantes. Os estudos analisados utilizaram diferentes formatos de capacitação incluindo encontros presenciais em grupo (Bagaiolo et al., 2018), ensino por tentativas discretas aplicado pelos pais (Silva et al., 2017) e pacotes com videomodelação e automonitoramento (Wu et al., 2023). Um achado qualitativo interessante, relatado por Sousa et al. (2020), é que alguns cuidadores e profissionais diferenciam o ABA tradicional muito regrado com tentativas repetitivas do ABA naturalístico lúdico inserido em brincadeiras e há relatos de que o segundo gera melhor adesão e menos estresse na criança. Isso sugere que o formato da intervenção pode afetar tanto a eficácia quanto a evasão, uma hipótese que merece investigação empírica, pois a maioria dos estudos não controlou ou comparou diferentes formatos. Além disso, Wu et al. (2023) mostraram que a maioria das cuidadoras só atingiu o critério de desempenho após receber feedback atrasado ou imediato de um analista do comportamento. Apenas uma cuidadora com formação prévia em pedagogia aprendeu sozinha com vídeos e checklists. Isso indica que a supervisão profissional não pode ser totalmente substituída por materiais autoinstrucionais pelo menos não para a maioria dos cuidadores leigos. Essa constatação tem implicações diretas para a escalabilidade dos programas de capacitação parental pois a necessidade de feedback individualizado mantém um custo de supervisão que não pode ser simplesmente eliminado.

Por fim, é preciso registrar que nenhum estudo brasileiro investigou a articulação entre família e escola a partir da ABA. Dados os achados de que pais podem ser capacitados (Bagaiolo et al., 2018; Ferreira et al., 2025; Wu et al., 2023) e de que

professores podem melhorar suas atitudes em relação à inclusão (Benitez et al., 2021), a articulação entre esses dois contextos surge como um passo lógico e necessário. No entanto, não há evidência empírica nacional sobre modelos que integrem esses dois agentes. Essa ausência é particularmente importante porque a criança com TEA transita diariamente entre a casa e a escola e intervenções fragmentadas tendem a perder eficácia.

5. CONCLUSÃO

Esta revisão sistemática teve como objetivo analisar a produção científica brasileira sobre Análise do Comportamento Aplicada e Transtorno do Espectro Autista com ênfase nos contextos familiar e escolar. Os resultados permitem afirmar que há evidência consistente de que a capacitação parental baseada em ABA reduz comportamentos disruptivos, amplia a comunicação funcional e melhora a saúde mental dos cuidadores. No entanto, essa mesma literatura aponta limitações importantes como altas taxas de evasão e amostras predominantemente de classe socioeconômica média ou alta.

Para o contexto escolar a conclusão é ainda mais crítica. A produção brasileira é praticamente inexistente e o único estudo localizado limita-se a avaliar atitudes de professores, sem nenhuma investigação sobre a aplicação direta de procedimentos ABA em sala de aula. Não há estudos brasileiros sobre ensino por tentativas discretas, treino de comunicação funcional ou manejo de comportamentos problema realizados por professores no ambiente escolar. Essa lacuna é a principal contribuição deste trabalho.

Diante disso recomenda-se que futuras pesquisas invistam em amostras representativas da diversidade socioeconômica brasileira, que incluam medidas de generalização para casa e escola e que desenvolvam e testem programas de formação de professores que vão além da mudança de atitudes, avaliando a implementação fiel de procedimentos ABA na rotina escolar. Sem esses passos a ABA continuará sendo uma tecnologia de eficácia demonstrada em condições ideais mas cuja aplicabilidade na realidade concreta das famílias e escolas brasileiras ainda precisa ser construída.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**: DSM-5-TR. 5th ed., text rev. Washington, DC: American Psychiatric Association Publishing, 2022.

- ASSUMPÇÃO JR., F. B.; KUCZYNSKI, E. Autismo: Conceito e Diagnóstico. In: SELLA, A. C.; RIBEIRO, D. M. (Org.). **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. Curitiba: Appris, 2018. p. 21-45.
- BAGAILOLO, L. F. et al. Capacitação parental para comunicação funcional e manejo de comportamentos disruptivos em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-64, jul./dez. 2018.
- BENITEZ, P. et al. Atitudes Sociais de Agentes Educacionais em Relação à Inclusão e à Formação em Análise do Comportamento Aplicada. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 27, e0045, p. 1-18, 2021.
- BENITEZ, P. et al. Centro de aprendizagem e desenvolvimento: Estudo de caso interdisciplinar em ABA. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 332-350, jan./abr. 2020.
- FERREIRA, T. da S.; CHIODELLI, T.; RODRIGUES, O. M. P. R. Programa ABA para pais e o desenvolvimento verbal de crianças com TEA. *Ciencias Psicológicas*, Montevideu, v. 19, n. 1, e-4030, 2025.
- LIBERALESSO, P.; LACERDA, L. **Autismo**: compreensão e práticas baseadas em evidências. Curitiba: Capricha na Inclusão, 2020.
- MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, Londres, v. 372, n. 71, 2021. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/372/bmj.n71>. Acesso em: 21 maio 2026.
- SELLA, A. C.; RIBEIRO, D. M. (Org.). **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. Curitiba: Appris, 2018.
- SILVA, Á. J. M. et al. Efeitos do número de exemplares sobre aquisição e generalidade de desempenho em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, Belém, v. 13, n. 2, p. 111-122, 2017.
- SOUSA, D. L. D. et al. Análise do Comportamento Aplicada: A Percepção de Pais e Profissionais acerca do Tratamento em Crianças com Espectro Autista. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 13, n. 1, p. 107-123, jan./abr. 2020.
- VARELLA, A. A. B.; AMARAL, R. N. Os Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista. In: SELLA, A. C.; RIBEIRO, D. M. (Org.). **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. Curitiba: Appris, 2018. p. 39-62.
- VIEIRA, J. F.; LOZANO, G. H.; SOUZA, D. J. M. Utilização do Treinamento de Comunicação Funcional na Diminuição de Comportamentos-Problema em Crianças com TEA. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, Belém, v. 20, n. 1, p. 25-38, 2024.

WU, S. V. et al. Efeito de um pacote de ensino sobre o desempenho de cuidadoras no treino de ocupações para crianças com TEA. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 31, e3314, 2023.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Carlos Eduardo Marques Ferreira de Almeida: Conceituação; Investigação; Metodologia; Validação; Redação – Rascunho Original.

Prof. Me. Samuel Fernando Ferro: Conceituação; Metodologia; Administração do Projeto; Supervisão; Validação; Redação – Revisão e Edição.